P. RAMOS, « Humor e política : tiras cômicas na eleição presidencial brasileira de 2018 », Atlante. Revue d'études romanes, n°13, Automne 2020, p. 73-95, ISSN 2426-394X.

Humor e política : tiras cômicas na eleição presidencial brasileira de 2018

Paulo Ramos

Universidade Federal de São Paulo, Brasil.

Considerações iniciais

Diferentes temas podem nortear o humor presente em tiras cômicas. Os autores dessa forma de história em quadrinhos podem se basear tanto em assuntos cotidianos que, por serem naturalmente plurais, tendem a ser os mais utilizados quanto em episódios pontuais, pautados em algum caso específico. Os fatos do noticiário político costumam se enquadrar nesse segundo grupo. Embora não seja maioria no Brasil, há registros históricos de séries que filtraram a realidade para que, a partir dela, fossem criadas situações humorísticas.

O período da Ditadura Militar brasileira (1964-1985) fomentou algumas tiras bastante críticas à realidade do país. Como se viviam dias de censura às artes e à liberdade de expressão, alguns desenhistas usavam do traço para compor metáforas gráficas sobre o cenário sócio-político de então. Com a redemocratização, ainda que o dia a dia político norteasse algumas séries, essa tradição temática de produção do humor foi se tornando menos regular e mais pontual com o passar dos anos.

A eleição presidencial de 2018 mudou esse cenário. Séries veiculadas em redes sociais ou impressas em jornais, que até então não abordavam os assuntos políticos ou os trabalhavam de forma não tão explícita, passaram a ter na disputa um dos temas centrais para a produção do humor. A incorporação do assunto nas histórias refletia um sentimento de divisão que se via no país durante os meses de agosto a outubro, período em que ocorriam os dois turnos do pleito.

Este artigo tem como proposta expor de que modo o noticiário político foi apropriado pelos autores das séries para a criação de situações humorísticas. A análise será feita em tiras cômicas publicadas durante os meses da disputa eleitoral na « Folha de S. Paulo », um dos jornais de maior repercussão e de maior vendagem no país. Ao final

da exposição, pretende-se demonstrar que uma tradição de uso de temas políticos vista em tiras impressas nos jornais nos anos de repressão do período militar brasileiro foi retomada no país no segundo semestre de 2018.

Para além disso, e da observação da apropriação humorística de tais assuntos, busca-se comprovar, também, que parte dos autores analisados explicitou um posicionamento claro sobre o pleito, inclinando-se contrariamente ao então candidato Jair Bolsonaro, eleito presidente ao final da disputa. Posicionamento esse que contrariou a linha editorial de neutralidade do noticiário adotada pelo próprio jornal.

Tiras e política na *Folha de S. Paulo*

Desde que surgiu, em 1960, a *Folha de S. Paulo* tem mantido uma seção fixa e diária de tiras. Ainda que nas duas primeiras décadas de existência do jornal brasileiro a predominância tenha sido de produções estrangeiras, particularmente norte-americanas, ele sempre manteve espaço para trabalhos de autores brasileiros. O primeiro desenhista do país a atuar regularmente no diário foi Mauricio de Sousa, com as séries « Bidu e Franjinha », « Cebolinha » e « Raposão », protagonizadas por animais e crianças.

Impressas no caderno de cultura, intitulado *Ilustrada*, as tiras passaram, ao longo dos anos, por um processo de nacionalização dos conteúdos. Isso ocorreu como consequência da decisão do jornal de dar mais espaço a criações feitas no próprio país. A *Folha de S. Paulo* publicava 18 séries em 1964, sendo 13 estrangeiras e cinco brasileiras[1]. Cerca de metade era de aventura. Quarenta anos depois, via-se outro cenário. O número de tiras havia caído para oito. Apenas uma delas era de fora do país. As demais eram assinadas por desenhistas nacionais. Todas eram humorísticas.

Tiras cômicas como essas são o gênero central que será analisado neste artigo. Na leitura de Ramos[2], elas tendem a compor narrativas produzidas com personagens

[1] Paulo RAMOS, « The gradual nationalization of comic strips in Brazilian newspapers », *International Journal of Comic Art,* Drexel Hill : IJOCA, Spring, Summer 2015, vol. 17, n° 1, p. 465-477.
[2] Paulo RAMOS, *Faces do humor : uma aproximação entre piadas e tiras*, Campinas, SP, Zarabatana Books, 2011.
Paulo RAMOS, *Tiras no ensino*, São Paulo, Parábola Editorial, 2017.

fixos (aqueles que aparecem com regularidade nas séries) ou eventuais (criados especificamente para a situação exposta naquela história e que, por isso, não aparecem mais), em formato variável (composto pelo equivalente ao tamanho de uma tira ou de mais de uma, apresentada majoritariamente na horizontal, embora não só) e com a presença de um desfecho inesperado, que, justamente por isso, leva ao humor. Trata-se de mecanismo semelhante ao de piadas, conforme modelo pensando por Attardo e Raskin[3].

No caso específico das tiras cômicas, no entanto, o elemento-chave, o gatilho que leva à situação inesperada e, por consequência, ao humor pode ser de ordem verbal, visual ou verbo-visual[4]. Os temas são variáveis, porém tendem a abordar características de personagens regulares, das propostas pensadas para as séries (abordar casos humorísticos sobre de animais, por exemplo) ou de situações cotidianas, vividas por algum personagem eventual. A política, embora não seja alheia ao rol temático das tiras cômicas, não era a predominante entre as séries brasileiras.

Houve algumas exceções. Uma delas foram as histórias de « O Pato », de Cecília Whitaker Vicente de Azevedo Alves Pinto, a Ciça, publicadas durante os anos da Ditadura Militar (1964-1985)[5]. Como o regime se pautava pela restrição à liberdade de expressão, inclusive com tortura como método de repressão, conforme descreve Skidmore[6], a saída encontrada pelo humor gráfico foi a do uso de metáforas para contornar a censura. No caso de « O Pato », a autora usava animais como mote para o humor. Uma das situações recorrentes se passava em um formigueiro, comandado de forma ditatorial assim como faziam os comandantes do país à época.

A redemocratização trouxe algo que os desenhistas da « Folha de S. Paulo » e dos demais veículos de imprensa não tinham até então : a ausência do fantasma censor

[3] Salvatore ATTARDO, Victor RASKIN, « Script theory revis(it)ed : joke similarity and joke representation model », *Humor : International Journal of Humor Research*, Berlin / New York, Mouton de Gruyter, 1991, vol. 4-3/4, p. 293-347.
Victor RASKIN, *Semantic mechanisms of humor*, Dordrecht, D. Reidel Publishing Company, 1985.
[4] Paulo RAMOS, *Tiras no ensino…*, *op. cit.*
[5] Henrique MAGALHÃES, *Tiras em pílulas : a força criativa das tiras brasileiras*, João Pessoa, Marca de Fantasia, 2006.
Waldomiro VERGUEIRO, *Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil*, São Paulo, Peirópolis, 2017.
[6] Thomas SKIDMORE, *Brasil : de Castelo a Tancredo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

no processo de criação. Paulatinamente, o inimigo comum a ser combatido, o autoritarismo do comando militar, perdeu espaço para outros temas, alguns deles tabus à época, como drogas, nudez, sexo e escatologia. Além do humor de costumes, que não se perdeu nesse processo. Os assuntos políticos ou eram abordados de maneira pontual ou então em série criada especificamente para esse fim.

No primeiro caso, o da abordagem de algum tema político, houve exemplos episódicos no jornal de histórias que se ancoraram em fato específico para criar situações cômicas. Uma delas foi vista na série « Bifaland, a Cidade Maldita », publicada no diário até o fim de setembro de 2017. O autor, Allan Sieber, costumava criar histórias tendo o então presidente do país, Michel Temer, como protagonista. Usando uma foto do rosto do político, o desenhista o caracterizava como uma espécie de figura diabólica, nomeando-o como « Satâmer », mescla de « Satã » com « Temer ».

O segundo caso, de série criada para abordar temas políticos, é específico de « Politicopatas », de CJ, sigla usada por Celso José Marques Jr. para identificar a autoria de suas tiras. Publicada na *Folha de S. Paulo* entre 2017 e 2019, inclusive no período eleitoral analisado neste artigo, ela abordava o cenário político brasileiro contemporâneo como mote para as situações humorísticas. A tira cômica havia sido vencedora de um concurso promovido pelo jornal. Afora esses casos, não era algo recorrente a presença de política. Mesmo as disputas eleitorais não eram tão trabalhadas. Se observarmos as histórias publicadas na *Folha de S. Paulo* durante as eleições presidenciais do período democrático, veremos que o pleito pautou pouquíssimas delas.

A título de comprovação, fizemos um levantamento nas tiras cômicas nacionais veiculadas pelo diário jornalístico nos sete dias anteriores à realização da votação final das eleições presidenciais realizadas entre 1989 e 2014, período que marcou o retorno da escolha popular para o cargo, após anos sob o comando militar. Dois dos pleitos, os de 1994 e 1998, foram concluídos no primeiro turno e, por conta disso, foi observado esse período. Nos demais, os de 1989 (o primeiro com voto popular após a Ditadura Militar), 2002, 2006, 2010 e 2014, foi analisada a semana precedente à data de votação do segundo turno de cada um deles. Houve o cuidado de selecionar apenas as produções brasileiras. Foram observadas, ao todo, 224 tiras cômicas.

O que se pôde constatar foram 11 menções a temas políticos (4,9%), sendo dez específicas sobre o pleito eleitoral (todas em 2014). Nenhum dos casos analisados, no entanto, fez referência explícita a algum dos candidatos que disputavam a eleição presidencial. Ou seja, tratava-se de um assunto não abordado nas séries entre 1989 (houve uma alusão a socialismo em uma das histórias) e 2010, aparecendo de uma forma mais geral apenas em 2014.

É um comportamento diferente do registrado em 2018, quando, nos dias que antecederam o segundo turno, o noticiário eleitoral pautou 15 (35,7%) das 42 tiras cômicas publicadas no período. É um número maior que o registrado em todos os anos anteriores somados. Outra mudança identificada foi a menção explícita aos candidatos e aos assuntos relacionados ao noticiário sobre a campanha. Essa presença de assuntos políticos foi aumentando à medida que o dia da eleição se aproximava (tanto a data do primeiro quanto a do segundo turno).

Séries publicadas no período eleitoral

No período que será analisado aqui, os meses do processo eleitoral de 2018, a *Folha de S. Paulo* mantinha sete tiras cômicas, todas produzidas por autores brasileiros. Até o início da disputa, iniciada em agosto daquele ano, a política pautava ao menos duas delas : « Malvados », de forma bastante pontual, por meio de alusões ao assunto em algumas das histórias, e a já comentada « Politicopatas ». Vê-se, portanto, que essa temática era minoritária entre as produções do jornal. As demais histórias tendiam a abordar situações cotidianas ou específicas, a depender da proposta da série, como resumido a seguir :

- « Piratas do Tietê », de Laerte Coutinho Situações cotidianas e alusões filosóficas por meio de personagens criados especificamente para a história do dia
- « Daiquiri », de Caco Galhardo Situações cotidianas e assuntos relacionais a características dos personagens fixos da série (Lili, a Ex e Chico Bacon são dois dos mais recorrentes), utilizados de maneira rotativa ; há também histórias com personagens eventuais

- « Níquel Náusea », de Fernando Gonsales Assuntos relacionados ao meio animal ou cotidianos ; narrativas usam ora personagens eventuais (maior parte) ou fixos da série
- « A Vida Como Ela Yeah », de Adão Iturrusgarai Predomínio de assuntos cotidianos, com personagens pensados especificamente para a tira do dia
- « Malvados », de André Dahmer Personagens fixos que abordam, por meio dos diálogos, algum tema relacionado ao cenário contemporâneo do país
- « Viver Dói », de Fabiane Langona Assuntos relacionados ao universo feminino, mostrados por meio de uma representação autobiográfica da autora ou de personagem criado especificamente para determinada situação

Haverá seguramente exemplos de cada uma delas com assuntos diferentes. Mas isso não tira o fato de ser essa a tendência predominante nas séries publicadas pelo jornal no ano de 2018. E de que esse comportamento sofreu uma mudança durante a disputa eleitoral, período em que a política se somou ao rol temático de parte delas no processo de produção do humor.

Para esta análise, observamos as tiras cômicas publicadas na *Folha de S. Paulo* durante o período referente aos dois turnos da disputa presidencial de 2018. O levantamento foi feito dos dias 16 de agosto (início da campanha eleitoral) a 28 de outubro, data de realização da votação do segundo turno. A seleção incluiu as histórias veiculadas de terça-feira a domingo. A exclusão das segundas-feiras se justifica porque, nesse dia, não circulam tiras no jornal, mas, sim, narrativas em quadrinhos mais longas e que não se enquadram no gênero aqui abordado.

No período indicado, puderam ser observadas 448 tiras cômicas. De cada quatro delas, uma tinha algum aspecto da eleição como tema : 73,88% (331 tiras) abordaram assuntos variados, ao passo que 26,12% (117 tiras) trabalharam especificamente com fatos relacionados ao noticiário da eleição. Entre as séries, « Politicopatas » foi a que apresentou maior número de casos algo esperado, posto que ela tem na política o elemento constituinte de suas histórias.

O dado relevante é a alta presença do tema em produções que não abordavam o assunto, como « Daiquiri » e « Viver Dói ». Ambas superaram a incidência vista em « Malvados », que tinha no cenário político um de seus motes para a construção do sentido humorístico. A tabela a seguir sintetiza os números :

Tabela 1 Política eleitoral como tema de tiras cômicas

SÉRIE	CASOS	PORCENTAGEM
Politicopatas	37	57,81%
Daiquiri	26	40,62%
Viver Dói	21	32,81%
Malvados	15	23,43%
A Vida Como Ela Yeah	12	18,75%
Piratas do Tietê	6	9,37%
Níquel Náusea	0	0

Fonte : *Folha de S. Paulo*, de 16 ago. a 28 out. 2018

Uma primeira leitura poderia sugerir que a alta presença de assuntos políticos pudesse ser consequência da tira « Politicopatas », que tem no assunto o elemento constituinte de suas histórias. Mas, se retirarmos a série do cômputo, a incidência do tema ainda permanece alta. Nesse novo cenário, que representa 384 casos, aproximadamente uma em cada cinco histórias teve o cenário eleitoral como mote para a produção do humor nas narrativas. Em números, isso representa, respectivamente, 20,83% (80 tiras) contra 79,17% (304).

O dado de que « Politicopatas » tradicionalmente trabalha com o noticiário político não torna essa série a mais representativa para análise. O que se destaca é a presença do assunto nas demais, que tradicionalmente não abordavam o tema de forma recorrente. Por conta disso, o estudo irá excluir « Politicopatas », ajustando o olhar para as outras produções (que somam 80 casos) e em como elas ecoaram os fatos da campanha eleitoral. Entre os tópicos trabalhados, os casos podem ser agrupados em menções ao processo eleitoral (como referências à urna de votação), referências

explícitas a candidatos ou então alusões a eles feitas de forma metafórica ou metonímica.

Exemplos de cada uma dessas situações serão apresentados ao longo da análise, sistematizada nos próximos dois tópicos. No primeiro, serão explorados os fatos eleitorais que pautaram o turno inicial da eleição presidencial e como eles foram refletidos nas tiras cômicas selecionadas para estudo. No tópico seguinte, será trabalhado o cenário referente ao segundo turno do pleito e de que maneira ele foi abordado nas histórias em quadrinhos publicadas pela *Folha de S. Paulo*.

Tiras cômicas no primeiro turno

Analisados em sequência, os 80 casos selecionados para estudo refletem a cronologia do processo eleitoral presidencial de 2018 ocorrido no Brasil. O calendário determinado pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) estipulava 16 de agosto como a data oficial para o início da campanha. Nesse mesmo dia, ocorria a primeira menção ao pleito nas tiras cômicas da *Folha de S. Paulo*.

História da série « Daiquiri », de Caco Galhardo (Figura 1), iniciava dizendo que o ambiente seria fundamental para a criação da vida e do desenvolvimento humano. A última cena mostrava a capital federal do país, Brasília, e defendia, como exemplo, que lá seria um « excelente ambiente para formação de quadrilhas ». Trata-se da situação inusitada, que leva ao humor : a sugestão de que os políticos eleitos, e os candidatos à sucessão, envolvidos na disputa eleitoral daquele ano, estariam em um local propício ao fomento de casos de corrupção (por meio da formação de quadrilhas).

Figura 1 « Daiquiri », de Caco Galhardo[7]

Um dia depois, em 17 de agosto, outra tira cômica trabalhava o mesmo tema. Como é próprio de « Malvados », o autor, André Dahmer (Figura 2), constrói as situações humorísticas por meio dos diálogos entre os dois protagonistas da série, os tais malvados do título. A conversa gira em torno do pleito e dos aspirantes aos cargos públicos. Um pergunta se haveria previsão para as eleições. Obtém como resposta que candidatos horríveis seriam eleitos. « E os terríveis ? », questiona, como réplica. « Serão reeleitos », conclui o outro, revelando a surpresa que leva ao sentido cômico (se horrível já seria algo ruim, terrível seria ainda pior ; ou seja, não restaria ninguém respeitável entre os futuros eleitos e reeleitos).

Figura 2 « Malvados », de André Dahmer[8]

O sentimento de que a classe política brasileira estivesse envolvida em corrupção foi medido em pesquisa do instituto IDEIA Big Data. Reproduzido por Moura e Corbellini[9], o levantamento indicou que, em junho de 2018, para « 72% dos entrevistados, o que mais envergonhava o Brasil no exterior era a corrupção e os

[7] Caco GALHARDO, « Daiquiri », *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 16 ago. 2018.
[8] André DAHMER, « Malvados », *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 17 ago. 2018.
[9] Maurício MOURA e Juliano CORBELLINI, *A eleição disruptiva : por que Bolsonaro venceu*, Rio de Janeiro, Record, 2019.

políticos mentirosos ». Outro dado da mesma fonte : 52,8% afirmaram interesse em votar para presidente em alguém fora do circuito político.

Na prática, isso seria bem difícil. Os 14 nomes que iniciaram a disputa em agosto de 2018 traziam no histórico algum vínculo com cargo público ou movimento social :

- Alvaro Dias (ex-governador, senador)
- Cabo Daciolo (deputado federal)
- Ciro Gomes (ex-governador, ex-deputado estadual e federal, ex-ministro)
- Eymael (ex-deputado federal)
- Geraldo Alckmin (ex-vereador, ex-deputado estadual e federal, ex-governador)
- Guilherme Boulos (coordenador de movimento de trabalhadores sem teto)
- Henrique Meirelles (ex-deputado federal, ex-ministro)
- Jair Bolsonaro (deputado federal)
- João Amoêdo (fundador do Partido Novo)
- João Goulart Filho (ex-deputado estadual)
- Luis Inácio Lula da Silva (ex-presidente)
- Manuela D´Ávila (ex-deputada federal e deputada estadual)
- Marina Silva (ex-vereadora, ex-deputada estadual, ex-senadora, ex-ministra)
- Vera Lúcia Salgado (não ocupou cargo, mas disputou diferentes pleitos eleitorais)

Mesmo com a herança dos vínculos políticos tão presente nas trajetórias individuais dos candidatos, tratou-se de um processo eleitoral singular. Mas por outros motivos. O primeiro aspecto inusitado foi o fato de Luis Inácio Lula da Silva, do PT (Partido dos Trabalhadores), estar preso desde 7 de abril daquele ano, sob a acusação de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Os partidários e simpatizantes dele inclusive alguns dos adversários, como Guilherme Boulos defendiam sua inocência

e a tese de que teria havido parcialidade da justiça em seu julgamento. Esse grupo político passou a usar o lema « Lula Livre » para se referir ao fato.

O que acentuava o impacto da prisão de Lula eram elementos do passado e do presente dele. Do passado : ter sido presidente do país por dois mandatos consecutivos (de 2003 a 2006 e de 2007 a 2010). Do presente : era o nome mais bem colocado nos levantamentos sobre intenção de voto. Pesquisa do instituto Datafolha, de 20 e 21 de agosto[10], mostrava Lula com 39% da preferência do eleitorado, seguido, em segundo lugar, por Jair Bolsonaro, do PSL (Partido Social Liberal), com 19%. Isso na versão estimulada, em que os nomes dos candidatos são previamente indicados. Na espontânea, em que cabe à pessoa a atribuição de explicitar o nome do candidato, o cenário foi o mesmo, porém com outros índices : 20% e 15%, respectivamente.

Esse cenário político motivou uma das tiras cômicas publicadas pela *Folha de S. Paulo*. Em « Viver Dói » (Figura 3), Fabiane Langona propôs uma « pausa para os dramas da eleição » e desenhou um homem com o rosto de Lula, porém bem musculoso algo que destoa do físico do ex-presidente e que encapsularia a situação humorística inusitada. Ele dizia : « Preso, porém mais forte do que nunca ». Dada a data de veiculação, 28 de agosto, pode-se identificar na preferência de opção de voto, mantida mesmo com sua prisão, a justificativa para tal fortaleza, representada tanto verbalmente (por meio da palavra « Forte ») quanto visualmente (o corpo musculoso). Mesmo preso, seria um candidato forte.

Figura 3 « Viver Dói », de Fabiane Langona[11]

[10] *Ibid.*
[11] Fabiane LANGONA, « Viver Dói », *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 28 ago. 2018.

Esse trabalho de Fabiane Langona inaugurou dois comportamentos identificados em outras histórias que vieram a ser publicadas pela *Folha de S. Paulo* durante o período eleitoral. O primeiro já havia sido sintetizado em um dos agrupamentos temáticos do período analisado : o da referência explícita a candidatos (Lula, no caso). O outro comportamento é o de a história expor o ponto de vista do autor. No exemplo, a desenhista sinaliza posicionamento político favorável ao então candidato.

Tal posicionamento se torna mais relevante quando se confronta essa constatação com a linha editorial adotada pelo diário jornalístico. A empresa mantém um histórico de não se posicionar a favor de algum dos candidatos, ao contrário do que já fizeram outros veículos. Essa postura foi reiterada no pleito de 2018. Em 30 de setembro daquele ano, o secretário de redação publicou declaração em que afirma que, « seja no noticiário, seja na publicação de artigos e entrevistas, o jornal se preocupa com o equilíbrio das menções que possam ter impacto crítico ou favorável aos candidatos nas eleições que estão sendo disputadas ».

A declaração dele, na prática, reproduz os nortes do projeto editorial da *Folha de S.Paulo*, que defende ter entre seus princípios o « pluralismo », a « independência crítica » e o « apartidarismo ». Identificam-se os dois primeiros aspectos na tira cômica de Fabiane Langona. Mas não o último, o viés apartidário. Uma possível explicação estaria na liberdade que o veículo de imprensa dá a seus colunistas e articulistas, cujos gêneros que redigem são inerentemente opinativos.

Muitos desses autores utilizaram o espaço em que atuam para tecer críticas a uma das candidaturas, a de Jair Bolsonaro. É como se houvesse no jornal duas fontes distintas de informação sobre a corrida presidencial : a mostrada no noticiário e a exposta pelos colunistas. No caso de tiras cômicas como a de Langona, elas se aproximariam dos textos de opinião. A história funcionaria como um editorial gráfico produzido na forma de tira. Editorial que explicitava preferência por Lula.

Embora a detenção do candidato não impactasse tanto na indicação de voto a ele, impedia, por decisão judicial, que Lula participasse dos debates televisivos. Nos primeiros embates, os organizadores não aceitaram a presença do vice, Fernando Haddad, em seu lugar. Também não se sabia se a condição peculiar de Lula permitia que ele fosse de fato candidato. A questão pautou boa parte do noticiário político da

época. A definição da legalidade ou não caberia ao Tribunal Superior Eleitoral. A dúvida fez com que a chapa trabalhasse com dois cenários : o primeiro era a manutenção de Lula ; o segundo, em caso de impugnação de seu nome, era pôr o vice como cabeça de chapa e Manuela D´Ávila, até então candidata a presidente pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), como vice.

Em 1º de setembro, os ministros do TSE decidiram pela ilegalidade por seis votos a um. Fernando Haddad foi oficializado, em 11 de setembro, como o candidato do PT, tendo D´Ávila como vice (a realocação dela para a chapa reduziu as candidaturas presidenciais de 14 para 13). A expectativa dos organizadores da chapa era a de que houvesse um processo de migração de votos de Lula para Haddad. Isso, de fato, ocorreu, levando o novo candidato ao segundo turno da disputa eleitoral, com 31.342.051 votos, correspondente a 29,28% dos votos válidos.

Nesse intervalo entre a troca de Lula por Haddad, outro fato ajudava a reforçar o aspecto singular da eleição presidencial de 2018. Jair Bolsonaro foi vítima de um atentado durante comício nas ruas de Juiz de Fora, cidade do interior do estado de Minas Gerais. Ele levou uma facada na região da barriga quando era conduzido nos ombros de simpatizantes. Imediatamente, foi deslocado a um hospital da cidade e operado. No dia seguinte, foi transferido para outro hospital, agora em São Paulo. O candidato se recuperou. Mas ficou afastado da campanha de rua no restante do mês.

No dia 18 de setembro, a recuperação médica foi usada como mote para uma tira cômica de Fabiane Langona (Figura 4), a primeira dela envolvendo o candidato de forma explícita. Ele é mostrado no leito, acompanhado por uma bolsa de colonoscopia, que, de fato, fora anexada a seu corpo em um dos procedimentos cirúrgicos. Na história, o equipamento intestinal faz um « desabafo » (o termo é apresentado em uma legenda logo no primeiro quadrinho) : « Sou a bolsa de colonoscopia de alguém muito pior do que cocô ». Novamente, há o casamento entre humor e posicionamento político.

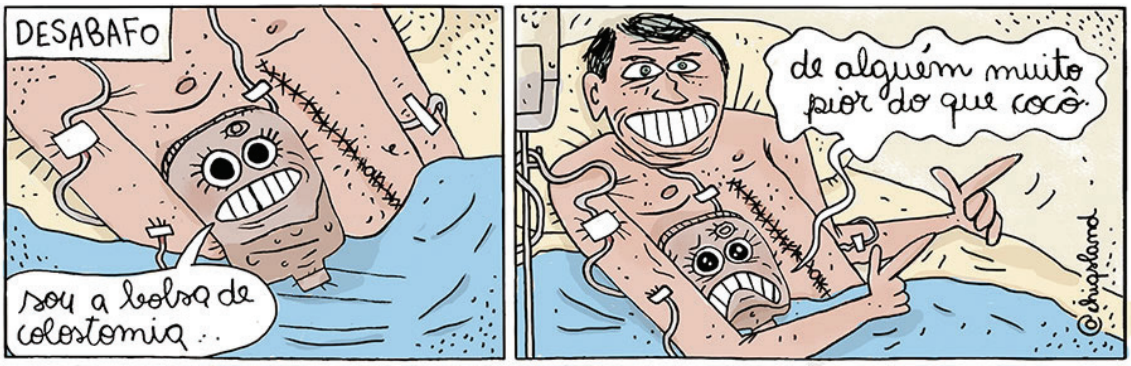

Figura 4 « Viver Dói », de Fabiane Langona[12]

Quatro dias depois, foi a linha editorial o alvo de uma tira cômica da série « Daiquiri », de Caco Galhardo (Figura 5). Um dos personagens regulares, Chico Bacon, ouve do que se sugere ser um jornalista que, no « caderno de cultura, não se deve emitir opinião pessoal contra políticos ». « Mas nem contra o Bolsonaro ? », responde. Esse questionamento final seria a situação inesperada, que levaria ao humor ou, ao menos, a quem não tivesse intenção de votar nesse candidato. Ao mesmo tempo, explicita, de maneira contundente, um posicionamento contrário a ele.

Figura 5 « Daiquiri », de Caco Galhardo[13]

O vácuo presencial de Bolsonaro na campanha foi ocupado pelo virtual. Os organizadores de sua chapa passaram a utilizar as redes sociais como plataforma de divulgação dele e de suas falas, algumas veiculadas em tempo real (ou em *lives*, como o recurso ficou conhecido). Deu resultado. Bolsonaro se manteve na liderança das intenções de voto, confirmadas no resultado do primeiro turno : foi o mais votado,

[12] Fabiane LANGONA, Viver Dói, *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 18 set. 2018.
[13] Caco GALHARDO, « Daiquiri », *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 22 ago. 2018.

com 49.227.010 votos, 46,03% dos válidos. O resultado levaria o pleito ao segundo turno. Para Moura e Corbellini[14] :

> A eleição de Bolsonaro foi um fenômeno bem complexo sob o prisma do papel das redes sociais. Consideramos esse caso uma convergência de diversos fatores, que se originam no forte hábito de telefonia celular, mas que passam por sua conta no Facebook, pela autenticidade do candidato, pela capacidade de disseminação de conteúdo via WhatssApp e até mesmo pela dificuldade que os brasileiros têm de lidas com fake news (notícias falsas).

No caso específico das *fake news*, elas dominaram a rotina dos brasileiros e ajudaram a polarizar ainda mais a disputa e o país também. E, do que se depreende, influenciaram em alguma medida na decisão de voto. Moura e Corbellini reproduzem levantamento que revela : « 98,2% dos eleitores de Bolsonaro entrevistados tinham sido expostos a uma ou mais daquelas notícias falsas, e 89,8% acreditaram que fossem embasadas em verdade »[15]. Algumas delas reproduziam informações inverídicas sobre o principal oponente, como a que creditava a Fernando Haddad a distribuição de um kit gay nas escolas (entre os eleitores de Haddad, 10,5% deram fé à história). Segundo os dois autores, a mesma pesquisa indica que 74% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram nessa *fake news*.

Não tardou para que os ecos digitais se materializassem em parte das tiras cômicas analisadas. Uma delas, da série « Malvados » (Figura 6), constrói o humor justamente com base na circulação de notícias falsas. Um dos dois protagonistas comenta que seu sobrinho « acha que o nazismo é uma ideologia de esquerda ». Essa informação chegou a ser tematizada em redes sociais. O colega pergunta : « Quem deu aulas de História para esse garoto ? ». A resposta é que, ao contrário de ser alguém cuja formação seria posta em questionamento, revela-se a surpresa (e fonte do humor) de que o autor da exposição teria sido o WhatsApp.

[14] Maurício MOURA e Juliano CORBELLINI, *op. cit.*, p. 116.
[15] *Ibid.*, p. 129.

Figura 6 « Malvados », de André Dahmer[16]

Independentemente de quem tenha criado tais informações falsas, o fato é que elas foram replicadas conscientemente — talvez até ingenuamente em algumas situações — por quem as recebia via redes sociais. Outro fato é que a atuação digital em torno de Bolsonaro — e sobre Bolsonaro — se tornou real. E também uma estratégia de campanha, dado que ficou mais evidente durante o segundo turno do processo eleitoral.

Tiras cômicas no segundo turno

A definição da disputa no segundo turno entre Jair Bolsonaro e Fernando Haddad foi oficializada na noite do dia votação, 7 de outubro, um domingo. Na segunda-feira, a *Folha de S. Paulo* não publicou tiras cômicas — no lugar, como já comentado, era veiculada uma história em quadrinhos maior. As primeiras, já com esse novo cenário eleitoral, circularam na terça-feira, 9 de outubro. A maior parte delas refletiu diretamente o resultado das urnas. Das seis séries selecionadas para análise, quatro abordaram o tema.

Fabiane Langona, autora de « Viver Dói » (Figura 7), expôs uma urna eletrônica. Personificada, com rosto e voz, ela era mostrada chorando. Aos prantos, pedia que alguém arrumasse a ela um ansiolítico, medicamento recomendado para reduzir a ansiedade, entre outras finalidades. A reação emotiva e o pedido do remédio seriam reflexos do resultado eleitoral da antevéspera protagonizado por ela após o cômputo dos votos. Em suma : do ponto de vista da urna — e da autora da tira — o resultado da votação não havia agradado.

[16] André DAHMER, « Malvados », *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 30 set. 2018.

Figura 7 « Viver Dói », de Fabiane Langona[17]

O histórico anterior de tiras criadas por Langona autoriza ler que o descontentamento se deveu à presença de Bolsonaro no segundo turno. Ele havia sido o alvo preferencial de críticas dela nas semanas anteriores. O mesmo fizeram dois outros desenhistas, ainda no dia 9 de outubro. Ambos se apropriaram do principal símbolo utilizado pelo candidato nos meses de campanha : o uso dos dedos indicador e polegar para representar uma arma. O recurso visual foi usado por ele, inclusive, com crianças.

A simbologia em torno da arma foi utilizada por Laerte Coutinho, em « Piratas do Tietê », e por Adão Iturrusgarai, em « A Vida Como Ela Yeah ». O primeiro (Figura 8) insere uma arma empunhada em uma máquina de moer carne. O resultado é o reagrupamento dela na mesma forma anterior. Uma leitura possível é que : a arma seria a chapa de Bolsonaro ; a máquina, o processo eleitoral em si ; a recomposição, o resultado do pleito, mantendo tudo como antes. O fato de não ter havido mudança seria o elemento cômico.

A segunda tira publicada naquele dia e que também usou a arma como estratégia visual para a criação do humor (Figura 9) produziu um « revólver palíndromo ». A leitura (ou uso) dele poderia ser feita tanto da direita para a esquerda quanto no sentido contrário. As palavras « esquerda » e « direita » adquirem sentidos específicos quando vinculadas ao discurso político. No Brasil, a primeira tende a ser associada a um espectro ideológico mais social e progressista ; a segunda, a um pensamento mais conservador. A polarização que se criou naquele momento do país aproximou Haddad à esquerda e Bolsonaro, à direita.

[17] Fabiane LANGONA, « Viver Dói », *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 9 out. 2018.

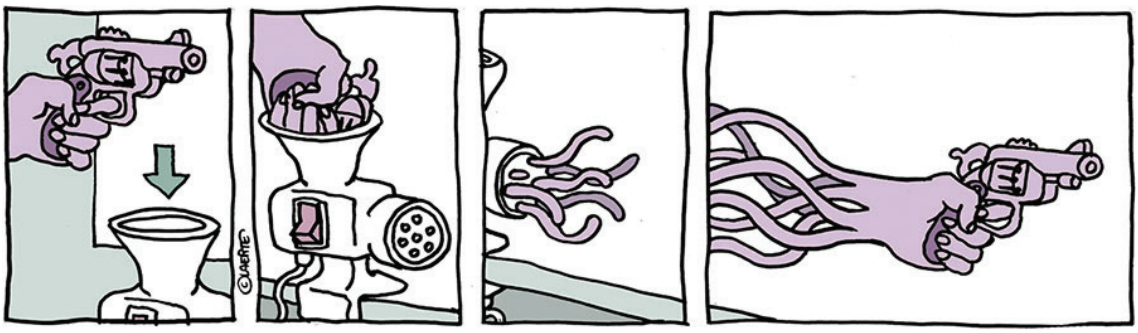

Figura 8 « Piratas do Tietê », de Laerte Coutinho[18]

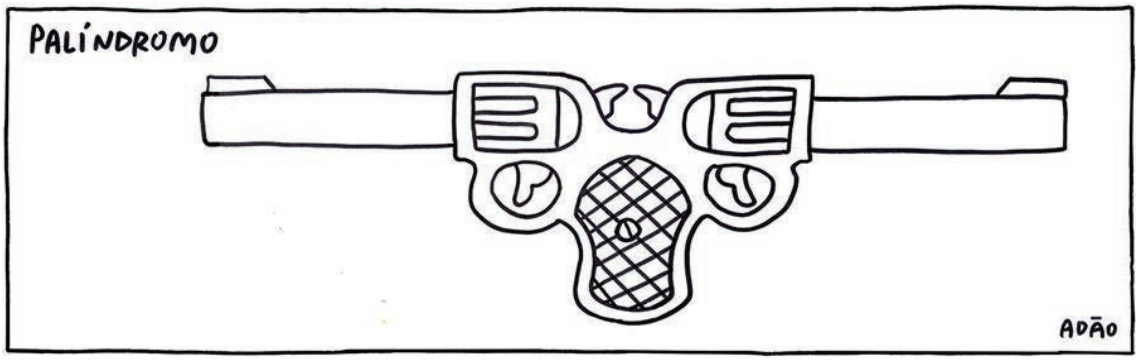

Figura 9 « A Vida Como Ela Yeah », de Adão Iturrusgarai[19]

A série « A Vida Como Ela Yeah » trouxe outro exemplo de uso dessa estratégia de produção de humor (Figura 10). Nesse caso, publicado em 25 de outubro, a arma era representada com o mesmo gesto manual utilizado por Bolsonaro. A cena, construída em um quadrinho só, representa o momento de um parto. Um bebê, logo após ter nascido (vê-se que ainda está ligado à mãe pelo cordão umbilical), faz o gesto de arma na direção do médico que realizou o procedimento. O inusitado da situação, aliado à referência ao gesto do candidato, é o que levaria ao humor.

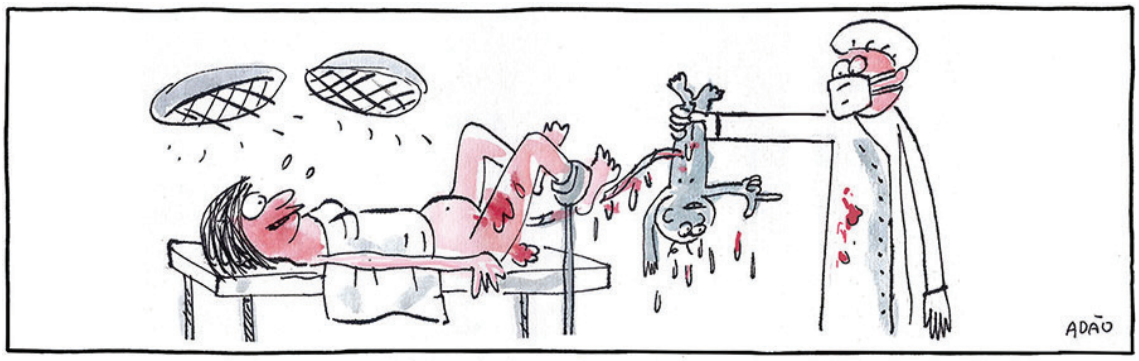

Figura 10 « A Vida Como Ela Yeah », de Adão Iturrusgarai[20]

[18] Laerte COUTINHO, « Piratas do Tietê », *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 9 out. 2019.
[19] Adão ITURRUSGARAI, « A Vida Como Ela Yeah », *Folha de S. Paulo Ilustrada*, 9 out. 2019.
[20] Adão ITURRUSGARAI, « A Vida Como Ela Yeah », *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 25 out. 2018.

O recurso da arma como forma de representar visualmente Jair Bolsonaro teve início ainda no primeiro turno. No dia 30 de setembro, Laerte Coutinho produziu uma história em que um homem minúsculo é mostrado como um mosquito. Além de diminuto, outro elemento inusitado é que portava um revólver. Ou seja, apesar da estatura pequena, a arma fazia com que não fosse inofensivo. Apesar da presença do instrumento de tiro, não se pode dizer com exatidão se o humor estabelecido nessa tira cômica aludia a Bolsonaro. Por isso, não foi considerada no levantamento.

O mesmo não pode ser dito da história veiculada seis dias depois, uma vez mais da série « Piratas do Tietê ». O desenhista mostrava um revólver. Este anunciava que sairia do viva-voz de um smartphone, instrumento tecnológico que foi nuclear para difusão de informações (inclusive falsas) durante a campanha. Ao todo, foram produzidas nove tiras cômicas com armas, duas delas no primeiro turno e sete no segundo. Funcionavam como uma metonímia visual : a arma (parte) remetia ao candidato (o todo).

Embora não estivesse completamente recuperado do atentado, o estado de saúde de Jair Bolsonaro permitia viagens e aparições em público. A opção, no entanto, foi a de usar a recuperação para justificar sua ausência nos debates finais do segundo turno. O adversário, Fernando Haddad, propôs se deslocar a local mais propício para que o embate de propostas fosse travado. Não surtiu efeito. Entre dar voz a apenas um candidato diante da falta do outro, as emissoras de TV optaram por cancelar os debates.

Na prática, o silêncio era benéfico a Bolsonaro. Dono de declarações polêmicas, acentuadas em situações de improviso, o palco de um debate televisivo poderia arranhar a imagem do « algo novo » que vinha sendo construída nas mídias digitais por seus assessores. Na leitura de Moura e Corbellini[21], uma vez mais acionados para auxiliar esta contextualização, o candidato passou a representar o voto dos indignados, de quem queria dar uma espécie de basta a « tudo que está aí ».

Bolsonaro teria incorporado duas das tendências do eleitorado, já comentadas aqui : a do descontentamento com relação à classe política e a inclinação de votar em

[21] Maurício MOURA e Juliano CORBELLINI, *op. cit.*

alguém fora do circuito político. Soma-se um terceiro indicador : o sentimento de insegurança causado pela violência urbana. É outro aspecto preenchido pelo candidato, ao externar associação aos militares e um discurso fortemente bélico. O uso do símbolo da arma, representada manualmente, se enquadra nesse contexto.

Jair Bolsonaro foi o alvo preferencial dos desenhistas da *Folha de S.Paulo* ao longo do segundo turno. Das 108 tiras cômicas veiculadas pelo jornal nas três semanas finais do pleito, 48 delas (44,44%) abordaram o cenário político vivido naqueles dias. Bolsonaro foi tematizado em 25 histórias, pouco mais da metade das histórias (52,08%). O candidato foi criticado explicitamente, verbalmente ou com uso de representações caricatas suas, assim como por meio de referências visuais a ele como a já citada arma.

Outro recurso usado pelos desenhistas foi a vinculação de Bolsonaro aos militares e ao histórico de autoritarismo trazido por eles por conta da condução do período ditatorial entre 1964 e 1985. Foram recorrentes histórias com presença de figuras militares (Figura 11) e sobre o fim da democracia (Figura 12). Houve também mais de uma vinculação ao nazismo, relacionando o candidato ao símbolo da suástica (Figura 13), caso em que o humor se perde, pondo em primeiro plano a crítica.

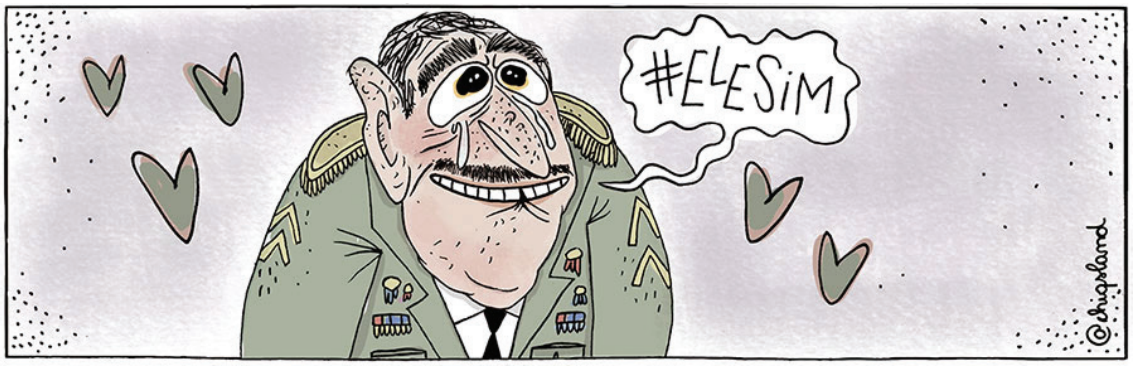

Figura 11 « Viver Dói », de Fabiane Langona[22]

[22] Fabiane LANGONA, « Viver Dói », *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 23 out. 2018.

Figura 12 « A Vida Como Ela Yeah », de Adão Iturrusgarai[23]

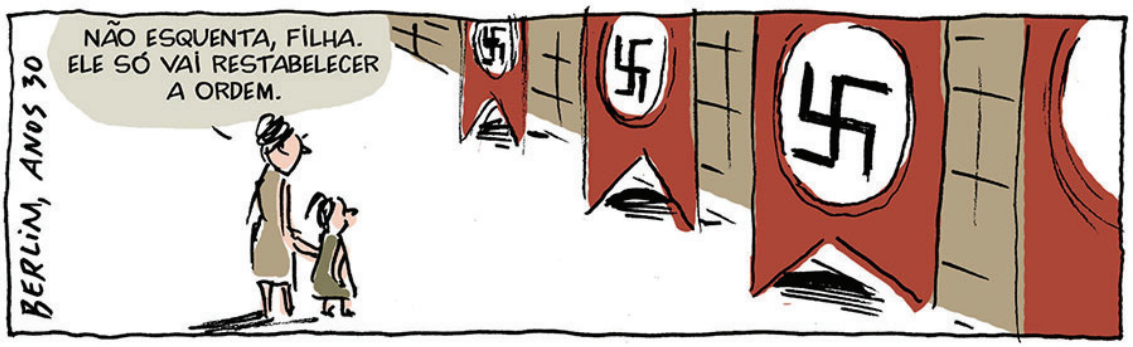

Figura 13 « Daiquiri », de Caco Galhardo[24]

Nesse último exemplo (Figura 13), Bolsonaro foi explicitamente associado, de forma metafórica, a Adolf Hitler. No turno anterior, essa vinculação já havia sido feita pelo mesmo Caco Galhardo. Na história, a suástica configurava a sombra de um homem. Uma vez mais, as tiras refletiam o noticiário. Como sintetizou Magalhães[25], as « suásticas voltaram » naqueles dias eleitorais :

> Na cidade gaúcha de Pelotas, picharam uma na estátua do escritor João Simões Lopes Neto. Vandalizaram um prédio do Instituto de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso, com a cruz nazista acompanhada do número 17, o do PSL. Num banheiro da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, leu-se : "Bolsonaro vai limpar essa faculdade de preto e viado".

[23] Adão ITURRUSGARAI, « A Vida Como Ela Yeah », *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 13 out. 2018.
[24] Caco GALHARDO, « Daiquiri », *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, 26 out. 2018.
[25] Mário MAGALHÃES, *Sobre lutas e lágrimas : uma biografia de 2018, o ano em que o Brasil flertou com o apocalipse*, Rio de Janeiro, Record, 2019, p. 243.

Em Salvador, capital da Bahia, um dia depois da votação do primeiro turno, um mestre capoeirista, militante negro, foi morto com 12 facadas por um eleitor de Bolsonaro. Motivo : pensava politicamente diferente do autor do crime. Casos reais como esses, somados à retomada de tópicos relacionados a autoritarismo e ao risco às liberdades individuais e sociais, deu vazão a um sentimento de medo em parte dos brasileiros. Isso ecoou de diferentes maneiras em 14 tiras cômicas publicadas pelo jornal nas três semanas do segundo turno. Elas externavam sentimentos de receio e de intolerância.

Esse cenário dividiu o país entre apoiadores de Bolsonaro e de Fernando Haddad, polarizando de maneira bastante emotiva o ambiente político. Os dois candidatos passaram a representar uma dicotomia construída no país nos cinco anos anteriores ao pleito : de um lado, havia os vinculados à herança deixada por Luis Inácio Lula da Silva ou ao espectro mais próximo à esquerda ; de outro, os desanimados com a classe política e com a corrupção protagonizada por ela e que procuravam algo novo.

Moura e Corbellini[26] nomearam esses dois polos antagônicos de « lulismo » e « Lava Jato ». Lava Jato foi como ficou popularizada a atuação da Polícia Federal, em conjunto com procuradores da cidade de Curitiba, no combate à corrupção relacionada à classe política e a pessoas que teriam se beneficiado da máquina pública. Uma das detenções relacionadas ao processo foi justamente a de Lula. Por conta da nuvem de dúvida que pairou sobre o julgamento do ex-presidente, Magalhães[27] opta por outra expressão para se referir ao grupo : Partido da Justiça.

Todos esses elementos convergiram nos votos dos brasileiros em 28 de outubro de 2018, dia do segundo turno. O resultado foi divulgado na noite daquele domingo : Jair Bolsonaro havia sido eleito presidente com 57.797.847 votos, (55,13%). Fernando Haddad havia conquistado 47.040.906 votos (44,87%).

Considerações finais

No dia 27 de agosto de 2019, pouco mais de um ano após o início da campanha presidencial, quatro das sete tiras cômicas publicadas pela *Folha de S. Paulo*

[26] Maurício MOURA e Juliano CORBELLINI, *op. cit*.
[27] Mário MAGALHÃES, *op. cit,* 2019.

abordaram temas relacionados ao noticiário político do Brasil. O assunto da vez era o desmatamento na Amazônia, fato que dialogava diretamente com o governo de Jair Bolsonaro o presidente relativizava a extensão das queimadas, questionando dados oficiais. Uma vez mais, ele era o alvo das críticas. Em uma das histórias, o político foi referenciado explicitamente.

É um indicador de que o comportamento de usar o noticiário político como estratégia para a produção do humor pode ter deixado de ser algo episódico ou pontual entre as séries para se tornar mais recorrente. Como pudemos demonstrar, não era algo comum entre as histórias publicadas pelo jornal. Foi um elemento presente na eleição de 2014, embora em menor medida e de maneira mais geral, e maciçamente usado quatro anos depois no pleito eleitoral, objeto de análise deste artigo.

O entorno da eleição presidencial de 2018, que tornou a disputa uma das mais singulares e polarizadas da história do país, pode ter contribuído para a apropriação do tema na composição da comicidade das narrativas. Outro fator pode ser a maneira como o então candidato Jair Bolsonaro passou a ser visto por parte da sociedade, como sendo associado aos militares e, por consequência, ao pensamento de uma época de exceção na história do país, marcada por autoritarismo e restrição às diferentes liberdades, entre elas a de expressão.

Essa última interpretação encontra reforço no volume de referências a ele presentes nas tiras mais da metade das do segundo turno faziam menção direta ou indireta a Bolsonaro. Este era vinculado a aspectos bélicos, não democráticos e autoritários (como a metáfora com a suástica, associando-o ao nazismo). São pontos que dialogam discursivamente com o cenário vivido no país durante os anos da Ditadura Militar. Tal qual aquela época, talvez os desenhistas estivessem enxergando no então candidato um alvo não apenas a ser criticado, mas combatido também, dados os temas vinculados a ele.

A leitura de que seja um alvo a ser combatido ganha força quando se vê que algumas das tiras cômicas produzidas não se limitaram apenas à construção do efeito de humor, gerando uma situação inesperada, algo próprio do gênero. Parte delas veiculou também um posicionamento político e ideológico de seus autores, como se